

Aspectos culturais da área do  
Recife

g. Roberto Moreira

J. Moreira

Capítulo II

ASPECTOS ECONÔMICO-CULTURAIS DE PERNAMBUCO:

*Aspectos Culturais* DA ÁREA DO RECIFE (\*)

1. Justificação das hipóteses de trabalho.

Para se compreender culturalmente uma área de civilização, parece, a nosso ver, que o melhor método seria o de associar uma visão panorâmica da área a um estudo de comunidades representativas das diversas e mais acentuadas sub-culturas dessa área. Seria, como preconiza o Prof. Charles Wagley em um trabalho cujos originais pude ler (4), considerar duas variáveis importantes na cultura nacional do Brasil: o regionalismo e a sub-cultura (variação da cultura nacional e da regional).

Apesar de termos estado em Pernambuco e de lhe termos visitado algumas das cidades e sub-áreas, não foram essas visitas suficientemente extensas e metodizadas quer para uma visão própria do panorama cultural do Estado, quer para um estudo de comunidades, para o que não dispúnhamos de equipe, nem nos julgamos aparelhados.

Daí, o procurarmos tão só, neste capítulo, tratar de alguns aspectos mais salientes do assunto, baseando-nos no que pudemos ler e consultar, a isso associando as observações ~~gerais e um tanto superficiais~~ que pudemos fazer. É uma tentativa de aproximação que serve apenas para situar a análise e estudo posterior dos problemas educacionais do Estado, em suas linhas, também estas, muito gerais, ao mesmo tempo que para apresentar um apanhado da atualidade educacional da área em questão.

Não se trata, portanto, de um retrato, nem de uma interpretação <sup>geral</sup> do Estado, mas de uma procura, tão modesta quanto honesta, de meios de apanhar e compreender sua realidade no setor da educação, tendo em vista o condicionamento ambiental, isto é, o maior ou menor ajustamento de um grupo definido de instituições ao que deveria ser o seu fundo ou campo de configuração.

Na impossibilidade de conseguir uma representação fiel ou de aproximação indutivamente exata deste fundo ou campo configuracional, nos contentamos com fazê-la por esboço, em linhas <sup>talvez não muito precisas.</sup> pouco precisas.

(4) "Brazilian Community Studies -- A Methodological Evaluation" do qual já foi publicada uma tradução em "Sociologia"-vol. XII - 1954 - Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

(\*) Este artigo constitui capítulo do trabalho "A Educação em Pernambuco" que será publicado pelo ~~IBGE~~ CBPE

com tôdas estas restrições, metodologicamente exatas, que nos aventuramos a escrever o presente capítulo que, assim, em todo o seu conteúdo se marca com a conotação do verbo "parecer" e com a do advérbio "talvez", admitindo, portanto, correções e revisões.

*em outros capítulos do presente trabalho*

A orientação será sempre a de compreender Pernambuco em sua situação regional e em suas sub-áreas culturais mais características, para depois ver até onde a educação se harmoniza com esse fundo sócio-cultural e, por consequência, quais os problemas que apresenta, suas tendências e suas possibilidades.

Naturalmente importa não perder de vista que uma situação cultural regional deve ser considerada, tanto quanto possível, como um reflexo de desenvolvimento histórico, o que explica o primeiro capítulo deste trabalho, como também do meio físico, do ajustamento ecológico e dos padrões culturais básicos da cultura nacional em que se localiza. Quando esta se apresenta sem outro princípio de unidade que o político ~~ou o administrativo~~, tais padrões só podem referir-se a uma área ~~definida e~~ <sup>definida e</sup> mais ou menos ampla, dentro ~~da grande área~~ <sup>do mosaico irregular da grande</sup> ~~constitui~~ <sup>constitui</sup> o país. No Brasil, porém, em que pesem diversificações regionais bem características, há padrões nacionais facilmente identificáveis nos mores, nos comportamentos coletivos, nos hábitos econômicos, nas aspirações comuns, na língua, etc.

Procuraremos, pois, compreender Pernambuco também em função de tais padrões, o que aliás se verifica do próprio modo pelo qual foi escrito o primeiro capítulo.

Antes de mais nada, porém, cabe-nos perguntar se é possível considerar Pernambuco como uma unidade regional bem definida, do ponto de vista cultural. E eis que aqui surge um primeiro problema, sempre presente quando tratamos o estudo de uma situação educacional brasileira, pelo exame de uma unidade político-administrativa. Por um lado, em vista da relativa autonomia administrativa, garantida pela Constituição e pela tradição que remonta aos primeiros tempos do Império, os Estados têm o direito e a obrigação de organizar seus próprios sistemas de educação, o que nos faz supor pelo menos a possibilidade de variação de uma unidade federativa para a outra, justificando-se, assim, a nossa iniciativa de estudo mais de âmbito estadual que regional propriamente dito.

Por outro lado, Pernambuco se localiza numa região bem característica do Brasil, quer dum ponto de vista puramente geográfico, quer antropológico-cultural: o Nordeste Orien-

tal. Chegamos, por isso, a pensar em fazer um só estudo da educação nos cinco Estados (Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), adotando um método comparativo. Desde logo, porém, vimos que tal estudo fugiria aos objetivos com que foram realizados outros sob nossa orientação pessoal, além de alargarmos demais a área a ser considerada, o que tornaria o trabalho ou demasiadamente superficial, ou demasiadamente extenso. Além disso, por um primeiro exame, verificamos logo que Pernambuco, quer por suas características geográficas e humanas, quer por ter sido o foco de onde se irradiou a conquista de todo o Nordeste, e, portanto, de onde se originou a cultura nordestina, era <sup>quase uma miniatura</sup> ~~em uma representação~~ de toda a área regional que tínhamos em vista.

~~Na ~~em~~ extensão geográfica estavam bem representadas as três principais <sup>áreas geográficas</sup> sub-áreas (do Nordeste Oriental: a do Sertão semi-árido, a do Agreste como zona de passagem ou transição, e do Litoral, mais úmida e fértil. Além disso, a metrópole de toda a região é, sem dúvida, Recife, a capital do Estado, cuja influência como centro cultural pode melhor ser sentida em seus círculos mais próximos, isto é, no próprio Estado.~~

Pensamos, assim, que do estudo de Pernambuco poderia resultar uma compreensão mais fácil das outras unidades federativas que constituem o Nordeste Oriental, quando tivéssemos que as estudar.

Nas condições expostas, não podemos tomar Pernambuco como unidade regional bem definida ou delimitada, dum ponto de vista cultural, mas podemos tomá-lo como boa amostra representativa da região em que está contido, pois que apresenta <sup>principais</sup> ~~todas as~~ sub-áreas dessa região.

Vasconcelos Sobrinho se recusa a ver em Pernambuco mais de duas zonas naturais: a da mata e a da caatinga. Em face dos critérios que adota, parece que tem razão. Entretanto, consideradas essas duas zonas, distingue em cada uma das duas sub-zonas: na primeira, a marítima e a continental; na segunda, a do agreste e do sertão. Em seguida, procura distinguir, nas sub-zonas, diferentes regiões (2). Mas Vasconcelos Sobrinho se coloca num ponto de vista fito-geográfico e, por isso, não toma em consideração as características culturais resultantes das relações do homem com o meio, ou, se as toma, é mais em termos de possibilidade que de realidade já existente. Esta observação não deve ser tomada no sentido de uma crítica,

(2) Vasconcelos Sobrinho - "As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização" - Livraria Freitas Bastos - Rio - 1947.

Do ponto de vista das áreas culturais, acreditamos também que naquele Estado se recuaria numa representação, seriam completa, pelo menos bem substancial de toda a região considerada: a área litorânea de praia, de coqueiras, etc.; a sub-área úmida e fértil dos caranais e dos seus enclaves; a sub-área dos algodoeiros e outras culturas <sup>propriedades do solo semi-árido</sup>; a do sertão <sup>primitiva de oásis agrícolas</sup>; todas elas diferentes nos seus padrões de vida, nos seus contornos <sup>em sua tecnologia</sup>.

porque o autor ~~em vista~~ teve objetivos diferentes dos nossos. Vasconcelos Sobrinho fez o seu livro, que é sem dúvida básico e sério, com o propósito de possibilitar o planejamento econômico e, por isso mesmo, na parte final, quando trata da civilização, focaliza em maior extensão os problemas básicos da economia de Pernambuco.

Mas, para os nossos objetivos, diferentes dos seus, o trabalho de Vasconcelos Sobrinho foi útil. Partindo do pressuposto de que a natureza geo-física, principalmente no seu aspecto fitológico, está à base da compreensão das diversas áreas humano-ecológicas, as quais por sua vez condicionam a cultura, ao mesmo tempo que a refletem, vemos nesse trabalho também um ponto de referência para um estudo mais minucioso de antropologia cultural de Pernambuco.

De pronto, êle nos leva, logo no início do livro à consideração das duas zonas - a da mata e a da caatingas ao mesmo tempo, em relação a elas, nos propõe dois tipos de civilização em Pernambuco: a do açúcar e a do gado.

No primeiro capítulo parece que já ficou esclarecido o porque dêesses dois tipos de civilização. Vasconcelos Sobrinho propõe logo mais algumas características definidoras dessas duas civilizações: a do açúcar (latifúndio, escravidão e monocultura como base original, com permanência da primeira e da terceira característica) originando ~~o~~ o des-nível social, o preconceito contra o trabalho manual e a formação de uma classe média em busca de atividades burocráticas e liberais; a do gado (realizada pelo branco sem escravos) em terras praticamente em comum, sem preconceitos ou barreiras sociais, apesar das diferenças econômicas entre os grandes proprietários de terras e de rebanhos, e os vaqueiros, aqueles em posição semi-patriarcalista de comando afetivo, e estes de dependência também afetiva.

Entre êsses dois tipos de civilização, porém, cremos que se interpõe um outro de agro-pecuária que, sem ser açucareira, apresenta alguns aspectos da civilização do açúcar e, sem tôdas as características da zona do gado, também lhe toma alguns dos aspectos. Localiza-se numa sub-zona que não é tão úmida e fértil quanto a da mata, nem tão sêca e árida quanto a do sertão. Referimo-nos ao Agreste, que não pode ser considerado caatinga em sentido estrito, nem mata tão pouco. É como que uma área de passagem, na qual se localiza uma cultura que podemos também considerar como intermediária entre as duas outras.

Por outro lado, na zona da mata, a sub-zona ma-  
 rítima também apresenta aspectos culturais próprios, entre os  
 quais ~~salientam-se~~ os determinados pela metrópole que é Recife,  
 pela pesca, pelo coqueiral, pela fruticultura e a horticultura.  
 No Sertão, ainda dum ponto de vista cultural, podemos conside-  
 rar o Sertão mais próximo e o Sertão ocidental, aquêles mais ac-  
 cessível e ligado por estrada de ferro e rodovias ao Agreste e  
 à Zona da Mata, o outro mais isolado, em ligação mais praticá-  
 vel com a área do São Francisco e com o Sul do Ceará. Se, co-  
 mo diz Vasconcelos Sobrinho, o Agreste avança no sentido da Ma-  
 ta, por outro lado, com aquêles meios de transporte e comunica-  
 ção, o seu melhor tipo de civilização avança sôbre o Sertão  
 mais próximo, ao mesmo tempo que uma e outra sub-área cultural  
 (Agreste e Sertão próximo), por essa mesma razão das vias de  
 comunicação, se aproveitam dos padrões culturais da sub-área de  
 Recife, que, hoje, por automóvel, dista poucas horas do centro  
 limítrofe entre o Agreste e o Sertão, que é a cidade de Arco -  
 verde.

2. Recife como área em processo de metropolitização.

Recife é quase metrópole, isto é, mais do que  
 a simples capital de Pernambuco. Se fôsse apenas uma capital,  
 como, por exemplo, Flórianópolis, João Pessoa, Belo Horizonte,  
 etc., seria uma unidade política de govêrno e administração, pu-  
 ramente. Poderia ter, ao lado dessa função precípua, ativida-  
 des comerciais, industriais, etc., mas tais atividades se acres-  
 centariam, resultariam ou ficariam em plano secundário, relati-  
 vamente à função político-administrativa. Em Recife, esta é  
 que é um acidente, <sup>partid</sup> ela ~~é que se acrescenta~~ <sup>acrescentando-se</sup> à cidade, não lhe é <sup>seu</sup> in-  
 inerente, nem precípua.

Nestas condições, Recife assume <sup>alguns dos</sup> aspectos me-  
 tropolitano, que permite a William Anderson (3) definir a metrô-  
 pole como não sendo "a corporate person", uma comunidade no sen-  
 tido pleno, pois que nela predomina a aglomeração à organiza-  
 ção e à distinção de áreas funcionais.

Por outro lado, também Recife não constitui u-  
 ma unidade política, porque Recife não é apenas a área de 118  
 km<sup>2</sup> que, administrativamente, se lhe delimita; Olinda lhe ser-  
 ve de bairro, como São Lourenço da Mata, Jaboatão e Paulista.  
 As estradas que ligam o centro urbano a Igarasú, Paudalho, Vi-  
 tória de St. Antão, Escada e Pojuca, têm movimento <sup>semi-</sup> urbano, com

(3) William Anderson - "Political Influences of the Metropolises"  
 in "The Metropolis in Modern Life", ~~edited by~~ - edited  
 by Robert Moore Fisher - 1955, Columbia University.



Na verdade, estes sub-centros são de concentração, o que não exclui, portanto, a existência de vários armazéns, escritórios, casas de diversões, hotéis, etc. fora dos mesmos. Aliás, como toda a área metropolitana, Recife dispõe de pequenos <sup>sub-</sup>centros de bairro e de zonas suburbanas. Além disso, sua indústria tende a se localizar fora do centro urbano, às entradas da cidade propriamente dita ou nas áreas sub-urbanas, já localizadas nos municípios vizinhos.

Na área central  
~~Nos sub-centros~~ que indicamos, porém, se tem, pela aglomeração e congestionamento, amostra altamente representativa da vida econômica, da população e do crescente cosmopolitismo de Recife. Ali se pode sentir, num primeiro contato, o que é a vida da grande área metropolitana.)

~~Na~~ Na Av. Guararapes, vemos auto-ônibus e camionetas de lotação coletiva, estacionarem, provindos de todas as zonas sub-urbanas vizinhas, inclusive das que se localizam em outros municípios. Pela manhã despejam uma multidão composta de proletários, funcionários, comerciários e estudantes. Tráfego de veículos e movimento de pedestres, intensíssimas. Desde o rurícola recém-atraído pela Metrópole, desajeitado no andar, tímido e meio apalermado, até o urbanita tradicional, o estrangeiro cosmopolita, o homem de negócios, o político e o desocupado.

### 3. Composição da população da área recifense.

Se reduzirmos a área metropolitana à ocupada pelos municípios de Paulista, Olinda, São Lourenço da Mata, Jaboatão, Moreno, Cabo e Recife - o que não nos parece muito exato (4) teremos as seguintes populações, de acordo com o censo de 1950:

Total: 800.000  
Centro metropolitano: 120.000  
Bairros metropolitanos: 397.000  
Centros urbanizados: 55.600  
Áreas rurbanas: 85.600 (5)  
Áreas rurais: 1/1.800  
População de menores de 10 anos: 220.000

- (4) A área metropolitana não corresponde às áreas dos municípios, porque ela é determinada sobretudo pela comunicação semi-urbana, sendo marginal as vias de comunicação desse tipo, apresentando protuberâncias que são as sedes municipais, distritais e as povoações, que funcionam como centros sub-urbanos da Metrópole.
- (5) Consideramos como áreas rurbanas aquelas em que o indivíduo pode participar, ao mesmo tempo, de atividades rurais e urbanas, geralmente muito próximas das sedes municipais. O I.B.G.E. geralmente trata essas áreas como sub-urbanas. Em Recife mesmo, porém, não vimos áreas rurbanas bem definíveis. O que, ali, o I.B.G.E. considerou como zona suburbana e, para nós, o que constitui os bairros metropolitanos, e a chamada área rural de Recife se aproxima muito mais do rurano que do rural propriamente dito.

População de 10 anos e mais: 580.000  
População de 10 anos e mais, alfabetizada: 325.000  
População de menos de 10 anos, alfabetizada: 36.000.

Em termos estatísticos, vemos, pois, que apenas 45,00% da população total da área considerada é alfabetizada, ou que 62,20% da população de 10 e mais anos de idade o é. Estes dados diferem um pouco dos comumente apresentados nas estatísticas oficiais porque tentamos, tendo em vista a escolaridade apurada, os índices de migração interna, no Estado, a alfabetização de adultos e adolescentes, introduzir alguns critérios de maior exatidão nas estatísticas oficiais. Apesar dos cálculos feitos, em caráter aproximativo, não logramos correção substancial, visto que os fatores apontados se compensam mutuamente, no período de 1946 a 1951.

Quanto às características raciais mais dominantes, a população da área considerada assim se distribuía em 1950 (6):

Branco:	homens	-	184.000
	<u>mulheres</u>	-	<u>216.000</u>
	Total	-	400.000
Pretos:	homens	-	32.000
	<u>mulheres</u>	-	<u>54.000</u>
	Total	-	86.000
Amarelos:	homens	-	menos de 100
	mulheres	-	
Pardos:	homens	-	148.000
	<u>mulheres</u>	-	<u>164.000</u>
	<u>Total</u>	-	<u>312.000</u>

Pelos números indicados, arredondados, tendo em vista o arredondamento anterior da população da área em 800 mil habitantes, segue-se que cerca de 366 mil são homens e cerca de 434.000 são mulheres. Quase 2.000 não tiveram características raciais, quanto à cor da epiderme, definidas.

X O número de pardos, associado a uma evidente imprecisão na definição dos brancos, demonstra logo que, na área de Recife não há barreiras raciais, como de resto acontece em outras áreas do Nordeste e Leste brasileiros, levando-se em conta que, sob a designação de pardos, as estatísticas oficiais englobam mulatos e cafuzos claros bem como mamelucos, e, sob a designação de pretos, não só a estes mas também a cafuzos e mulatos escuros, mais se salienta ainda a ausência dessas barreiras

(6) Não se pode pensar em distribuição de raças bem definidas, mas apenas da cor da epiderme, cabelos e tipo facial que caracterizam os indivíduos, porque a mestiçagem generalizada é a regra no Brasil.

ras. Cremos que é possível pensar na população da área em apreço como a de uma mestiçagem com dois extremos, um dos quais formado por brancos puros e outro por negros puros, ambos com poucos elementos representativos, e, entre êles, toda uma série de nuances, para as quais contribui também o sangue indígena que já não existe, provavelmente, em estado puro. É um exemplo típico da democracia racial brasileira.

Senão a população de 15 e mais anos de idade estimada em cerca de 528 mil, são quanto ao estado civil 46,00% (243 mil, aproximadamente) casados, 0,08% (420) desquitados ou divorciados, 8,90% (47 mil, aproximadamente) viuvos (dos quais 6/7 são mulheres), 0,15% (790) de estado civil não definido, e 44,87% (237 mil, aproximadamente) solteiros. Embora, quer a distribuição de homens casados, quer a distribuição de mulheres casadas tenham a moda entre as idades de 30 a 39 anos, são assimétricas, acumulando-se maior número de mulheres casadas entre as idades de 15 a 29 anos, ~~que de homens~~. O número de mulheres casadas entre 15 e 24 anos é 3 vezes maior que o de homens nos mesmos limites de idade, sendo que entre 15 e 19 anos o é 10 vezes. Nas idades superiores a 30 anos o número de homens casados é sempre maior que o de mulheres.

Por êstes dados se verifica que na área metropolitana do Recife ainda os casamentos obedecem à regra geral brasileira de as mulheres casarem em idade bem inferior à dos homens, em contraposição ao fato de em outras áreas metropolitanas, como as de New York, de Londres e de Chicago, se verificarem distribuições de idades, para os casados de cada sexo, aproximadamente equivalentes, fato que também já tende a ocorrer nas áreas de São Paulo e do Rio, onde se não há essa equivalência, as diferenças não são tão acentuadas como em Recife e em outras áreas brasileiras.

Em face desta verificação, como de outras que faremos daqui a pouco, se nota que, se há aspectos exteriores, físicos, ecológicos e sociais que nos atestam a existência de uma área metropolitana, há outros, mais culturais que de outra natureza, concludentes pela negativa de tal área. Pensamos, por isso, que estamos ainda em face de um processo de metropolitização, "sui generis", isto é, que tem aspectos caracteristicamente regionais.

É uma conclusão que antecipamos, mas que será melhor amparada pelas análises seguintes.

A distribuição da população de 10 e mais anos de idade, segundo os ramos de atividade, na área recifense, to-

mando por base o número total dessa população, apurada em 1950, em aproximadamente 580.000, é a seguinte:

Agricultura, pecuária e silvicultura:	4.060	( 0,70%)
Indústrias, principalmente de transformação:	63.800	(11,00%)
Comércio, principalmente de mercadorias:	46.980	( 8,10%)
Prestação de serviços:	81.200	(14,00%)
Transportes, comunicações e armazéns:	24.360	( 4,20%)
Profissões liberais:	2.900	( 0,50%)
Administração pública, legislativo e justiça:	7.540	( 1,30%)
Defesa nacional e segurança pública:	11.600	( 2,00%)
Atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes:	252.880	(43,60%)
Atividades mal definidas ou não declaradas:	1.160	( 0,20%)
Condições de inatividade:	<u>83.520</u>	<u>(14,40%)</u>
Total	580.000	(100,00%)

Se tivermos em vista que as áreas metropolitanas, em geral, ocupam mais de 20% de sua população de 10 anos e mais em atividades industriais (\*) e considerando que toda a área do Estado de São Paulo, em 1950, ocupava em tais atividades cerca de 13% dessa população, temos aqui outro índice de que Recife ainda se acha em processo de metropolitanização.

Por outro lado, como atividades tais como as comerciais, de prestação de serviços, transportes, comunicações e armazenagem, profissões liberais, administração pública, defesa e segurança pública, abrangem o total de 30,10% dos diferentes ramos em que se emprega a população de dez e mais anos de idade, fica também caracterizada a área recifense como emporio comercial (ao qual estão ligadas mais de 25% das atividades) e como centro político e administrativo (cerca de 6,10% das atividades).

As atividades não remuneradas e as condições de inatividade abrangem 58% das pessoas de 10 e mais anos de idade, tendo-se, portanto, 42% de tais pessoas em atividades remuneradas.

Das 69.600 pessoas de 10 a 14 anos de idade, apenas 4.100 exerciam, na área considerada, em 1950, atividades remuneradas, isto cerca de 6,00% das pessoas dentro desses li-

(\*) O Distrito Federal tem pouco mais de 15% e a cidade de São Paulo quase 26%, segundo cálculo que fizemos com base em dados do I.B.G.E.

limites de idade, ou menos de 1,00% da população de 10 e mais anos de idade. Nestas condições, calculamos que cerca de 52,00% das pessoas de 15 e mais anos de idade não exercem atividades remuneradas. O número de homens inativos é quase 3 vezes maior que o de mulheres, mas o número de mulheres que têm apenas atividades domésticas, não remuneradas, é, entretanto, 3 vezes e s maior que o de homens inativos mais os que têm atividades não remuneradas. Aproximadamente 75% das pessoas de 15 ou mais anos de idade, inativas ou de atividades não remuneradas, domésticas, são mulheres, o que indica não ser o trabalho feminino muito freqüente em Recife e sua área de influência mais imediata, o que, até certo ponto, contraria uma verificação muito comum nas áreas metropolitanas, de quase igualdade de trabalho entre homens e mulheres.

Se aproximadamente 87,6% dos habitantes da área recifense são pessoas nascidas em Pernambuco (cerca de .... 59,00% na própria área), aproximadamente 10,00% provêm dos Estados Nordestinos e apenas 2,10% de Estados de outras regiões brasileiras. Tal fato confirma a suposição comum de que Recife se converte em metrópole do Nordeste. Por outro lado, se nota que seu crescimento é, em grande parte, devido sobretudo ao êxodo de populações rurais do próprio Estado para a área da Capital, o que se verifica também por outros dados estatísticos, pois enquanto a população da área recifense aumentou de 1920 a 1950 em aproximadamente 126%, a do Estado o fez em 57% apenas. Por outro lado, mais de 17% da população estadual se concentra na área considerada.

*condições físicas e as*  
 As ~~CASAS~~ ~~em~~ ~~moradios~~ na área recifense

4. Aspectos sociais, econômicos e culturais da área recifense.

Recife não é ainda uma cidade que se desenvolva verticalmente. A não ser no centro urbano, que delimitamos, há pouco e cuja área é relativamente pequena, onde aparecem já muitos prédios em cimento armado, com 6 e mais andares, todo o resto da cidade obedece ainda a linhas arquitetônicas não metropolitanas.

Situada como que numa vasta planície que, até certo ponto, oferece o aspecto de uma bacia de fundo achatado, cercada que é por uma linha de outeiros que se dispõem quase em semi-círculo, a cidade não sentiu ainda a necessidade de se desenvolver no sentido vertical, tanto assim que os prédios do centro urbano, em cimento armado, com vários andares, são ocupados por hotéis, escritórios comerciais, repartições públicas, ateliers, etc., antes que como habitações. O apartamento re-

(8) Yosué de Castro - "A cidade do Recife - ensaio de Geografia Urbana" - Casa do Estudante - Rio, 5/ed.

entra aqui o trecho que em continuação da frase. Depois dele abre novo parágrafo com que comecei como "Por isto..."

WV

entre esta parte onde está indicado na pag. 34,

datilografado

a cidade apresenta aspeto geográfico dos mais interessantes, combinando a beleza e o poético da paisagem com o trabalho arquitetural do homem. Baixada estendida do ~~o~~ mar, contra o qual parece proteger-se por uma linha de arrecifes até o semi-círculo de ~~outros~~ colinas que a separa das terras mais onduladas do interior, ~~apresenta~~ ~~uma~~ ~~forma~~ oferece uma <sup>configuração geográfica</sup> ~~forma~~ ~~com~~ ~~uma~~ ~~forma~~ ~~de~~ ~~retilhada~~ de ilhas, penínsulas, alagados, mangues, que se chafurdam nas águas dos rios, os quais, depois de atravessarem a cinta dos outeiros, não apresentam velocidade de águas <sup>supra que quando se</sup> ~~substituído~~ vagarosos e ~~onda~~ sinuosos pela planície de terras moles. Toda essa área deve ter sido, no passado distante, uma baía que os rios, auxiliados pelos arrecifes como anteparos, pelo vento carregador de areias e pó, pela vegetação dos mangues e por outros fatores, deveriam ter entulhado. Não conhecemos o que dizem os geólogos a respeito, nem eles conhecemos bem a linguagem técnica, mas tudo nos leva a crer que eles deveriam dizer coisa semelhante, com mais precisão e exatidão científicas. É, aliás, o que diz também Josué de Castro: "Baía entulhada, diz-se com muita razão da baixada do Recife e tudo faz crer - as sondagens geológicas e a concatenação lógica dos fatos - ter a afirmativa foros de verdade científica?"

(8) No primeiro capítulo já deixamos ver uma das razões - da posição geográfica - ~~da~~ da fixação do homem naquele ponto. Outras deveriam ter sido o abrigo, o <sup>natural</sup> ponto ~~con-~~stituído pela confluência dos rios, a relativa facilidade

de defesa, a fertilidade da várzea dos rios. Daí o convite à intervenção do homem "naquela contínua trabalho de estruturação do solo do Recife, agindo através dos aterros e das drenagens, no sentido de dar àquela solo a consistência, o declive, a forma e a extensão mais apropriadas à sua ocupação humana, ao seu aproveitamento como base natural de um complexo organismo urbano." Naturalmente esse trabalho, enquanto contínuo e progressivo, não foi difícil, pois o Capibabibe e o Beberibe facilitaram a drenagem e os outeiros próximos aos aterros. Além disso, ~~quais~~ ~~as~~ quais estuadas, ~~foram~~ permitiram a penetração e as instalações marginais, dando margem à construção espraiada da cidade.

Por isso tudo....

13

sidencial pode ser considerado como quase ausente da paisagem social, recifense. Antes de o realizar; prefere o homem daquela área recuperar as áreas alagadas e os pauís que o Capibaribe e o Beberibe formam em suas margens sinuosas e rasas.

Mário Lacerda de Melo, por isso, pela disposição dos dois rios, de curvas caprichosas, considera Recife, além de "cidade-confluência", "cidade-aquática", porque "o domínio da área líquida na superfície urbana é sentida à menos avisada observação turística". Daí os alagados e manguesais que o homem vai conquistando progressivamente, por atêrro e por drenagem, antes de realizar a cidade em sentido vertical.

Do aspecto derramado da cidade e de suas extensas áreas suburbanas, resulta em primeiro lugar a intensidade do tráfego e do movimento de pedestres no centro urbano, para onde conflui a população que tem seus afazeres ligados às atividades comerciais, à armazenagem, carga e descarga no pôrto e nas estações rodoviária e ferroviária, às repartições públicas, etc.

Em segundo lugar, porém, dadas as crescentes dificuldades de transporte e do tráfego, se formam os centros suburbanos, de comércio varejista, de escolas e casas de diversão, subdividindo-se, assim, tôda a área em vários sub-centros que tendem a ter vida própria, sob certos aspectos.

O casário de Recife, além do limitado centro em que já predomina ou tende a predominar o cimento armado, reflete bem a cultura tecnológica e o estado econômico de seu povo.

Encontram-se ali vários tipos de habitações que se distribuem por tôda a área, ora com predominância de um tipo, ora de outro.

A matéria prima, que está mais à mão, é o barro residuário das colinas próximas e é, por isso, o elemento predominante nas construções civis do Recife, quer sob a forma de tijolos e telhas fabricados pelas olarias que se localizam na área suburbana, quer como revestimento principal que se aplica nas casas de taipa. A pedra ou o granito têm que ser procurado mais além, isto é, a alguns quilômetros para o interior, e por isso só é utilizado nos alicerces ou como elementos decorativos, a não ser nas construções de cimento armado, em que têm aplicação obrigatória junto com o próprio cimento e o ferro.

Vejamos, agora, como Hilton Sette e Manuel C. Andrade descrevem e classificam as casas do Recife, descrição essa que, embora de caráter geral e impreciso, confirma as nos -

34

sas próprias observações, também de caráter geral e panorâmico.

*Catimar* ~~X~~ "Quem observa o casário do Recife, excetuando de le os edifícios monumentais das igrejas, arranha-céus, teatro, algumas repartições públicas, estabelecimentos de ensino, hospitais, clubes sociais, etc., que representam verdadeiros pontos de exclamação arquitetônicos no meio da paisagem urbana mais ou menos uniformizada, há de concluir que as suas habitações se classificam em três tipos principais: a casa de tijolo, a casa de taipa e o mocambo.

"A característica da casa de tijolo consiste em possuir paredes de alvenaria e cobertura de telhas. São habitações que refletem um nível econômico e cultural mais elevado de seus moradores através de u'a mais complexa divisão interna, de  $\frac{+}{-}$  um piso impermeabilizado e revestido de concreto, mosaíão ou madeira, de instalações sanitárias de água, esgotos e luz elétrica, etc. As casas de tijolo aparecem, no Recife, sob o aspecto de quatro sub-tipos: os sobrados, as casas de correr, os "chalés" e os "bungalows".

"Os primeiros, magros e altos sobrados de três, quatro e até seis andares, representam uma reminiscência da colonização urbana dos holandeses (†) e abrigam hoje pensões ou residências de famílias de classe média nas ruas comerciais dos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista.

"As casas de correr, pegadas umas nas outras pelas paredes laterais, com fachadas dispendo de portas e janelas no alinhamento da rua, telhados em duas águas, lembrando também a preocupação do homem antigo em poupar espaços numa cidade cercada de manguesais, enchem ainda ruas inteiras dos bairros da Boa Vista e do São José.

"Os "chalés" estão em via de desaparecimento. Outrora, situavam-se no centro de grandes "sítios" arborizados de fruteiras e caracterizavam-se pelo pitoresco de seus alpendres, pelos ornamentos de seus beirais de madeira, pelo seu aspecto mais aproximado do "habitat" rural. Com a valorização sempre crescente dos terrenos, o loteamento sistemático dos antigos pomares suburbanos decretou o extermínio dos "chalés" que já vão se tornando raros.

"Os "bungalows" são casas de construção moderna, de um ou dois pavimentos, geralmente com ambos os oitões li

(†) Nem todos os sobrados recifenses traem a origem holandesa: muitos sobrados de dois andares, atarracados, amplos e fortes, de construção lusitana, encontramos nas ruas do Recife.

vres, recuadas e cercadas de jardins ou relvados, bonitas em seus terraços e varandas bem dispostos, no arranjo de seus telhados em diferentes declives, no conforto de suas instalações internas. Tais residências variando em dimensões, em acabamento e em aspecto externo conforme as condições econômicas de seus proprietários ou moradores, acham-se espalhadas em todos os bairros novos do Recife e já começam a invadir de forma maciça os mais distantes arrabaldes e subúrbios.

"Embora se faça alguma confusão em torno da generalização do termo, vale a pena repetir que a casa de taipa não é mocambo. A gente pobre de Recife, representada por operários, pequenos funcionários públicos, trabalhadores em empresas de transportes, comerciários e artífices, têm as suas moradas em casas de paredes de taipa, cobertas de telha ou de folha de zinco, chão revestido de tijolos ou concreto, contando com rudimentares instalações sanitárias, quase sempre dispendo de água encanada e luz elétrica, e mostrando-se, em seus interiores, mobilhadas, onde não raro se nota um aparelho rádio-receptor ou uma máquina de costura. Essas habitações formam bairros compactos nas zonas suburbanas, muitas delas localizadas dentro de terrenos murados ou cercados, possuindo jardins floridos na frente e fruteiras escolhidas no quintal.

"O mocambo, ao contrário, é bem um símbolo da miséria, do desconforto, da vida do pária social. Atolado na lama do mangue ou em difícil posição de equilíbrio nas encostas dos morros, não oferece ao menos um padrão definido. São heterogêneos na forma, no material de construção, nos tipos humanos que abrigam. Há os de taipa, os de palha, os de madeira, os de folha de flandres, os de paredes remendadas onde aparecem quase todos êsses elementos. As cobertas também variam entre a palha de coqueiro, o capim, a folha de flandres, telhas quebradas e aproveitadas de outras construções. O denominador comum entre êles está no mesmo aspecto deplorável das paredes sem rebôco, esburacadas ou ameaçando cair, nas cobertas que não podem oferecer abrigo seguro contra as chuvaradas, no piso de solo batido e escuro de umidade, no desconforto das precárias divisões internas, na carência de instalações sanitárias, na falta de água encanada, de móveis, de espaço, de ambiente que satisfaça enfim as exigências mínimas da vida de um ser humano. Tais mocambos, enxotados dos manguesais existentes no centro da cidade, infelizmente estão se multiplicando de maneira alarmante sobre os morros da periferia suburbana..."

Se o mocambo é miserável, a casa de taipa é u-

ma residência pobre, bem modesta para uma cidade em desenvolvi-  
 mento e em via de se transformar numa grande metrópole. Reci-  
 fe se caracteriza bem pelas contradições de sua paisagem urba-  
 na. Ao lado das largas e belas avenidas que acompanham as cur-  
 vas caprichosas dos rios, de amplos logradouros públicos, ajar-  
 dinados e arborizados, ruas estreitas, quase vielas relembram  
 o passado que já vai distante. Junto aos modernos prédios de  
 concreto, altaneiros e simples em suas linhas retas, os sobra-  
 dos e casas de correr, arcaicos, são como numerosos aconchegos  
 de saudade, que o homem moderno ainda pôde desfazer, assim co-  
 mo as igrejas ora de simples e primitivo gôsto colonial portu-  
 guês, ora mais requintadas, atingindo mesmo o barrôco rebusca-  
 do e transcendente de após Renascença, ~~que fora estilizada por~~  
~~Bruno~~. E, em contradição com o passado dos sobrados e i-  
 grejas, e com o presente dos arranha-céus e palácios administra-  
 tivos, <sup>é patente</sup> a pobreza das casas de taipa e a miséria dos mocambos.  
 É o preço que a cidade paga por um crescimento que se faz qua-  
 se repentinamente.

5. Condições econômicas e culturais das camadas populares

Tanto quanto na paisagem urbana, as mesmas con-  
 tradições se fazem sentir na paisagem antro-po-social de toda a  
 área. Nos mocambos não reside uma população parasitária - co-  
 mo se pode pensar à primeira vista - mas <sup>os que</sup> não obtêm pelo  
 trabalho que procuram realizar, o necessário para um mínimo de  
 vida aceitável, isto é, higiênica e decente: <sup>uma espécie de sub-</sup> pudemos visitar <sup>proletaria-</sup>  
 dois ajuntamentos dessas residências miseráveis e conversar com <sup>do, sem</sup>  
 alguns de seus moradores, geralmente mulheres e crianças, pois <sup>profissão</sup>  
 os homens se achavam ou trabalhando ou à procura de trabalho. <sup>definida</sup>  
 Das crianças, apenas uma pequena parte consegue ir às escolas <sup>e sem em-</sup>  
 públicas, pois a maioria não consegue o mínimo de recursos para <sup>prêgo per-</sup>  
 esse fim (roupa e material escolar). Das mulheres, uma parte  
 consegue lavar roupa ou <sup>para</sup> certos trabalhos domésticos em residên-  
 cias de famílias da classe média, mas a maioria fica na própria  
 área dos mocambos, tentando realizar alguma coisa em trabalhos  
 de agulha, nem sempre muito vendáveis, dada a precariedade das  
 condições em que o tentam. Via de regra, porém, não fazem na-  
 da, porque não têm o que fazer. Vegetam, vivem apenas.

Na sua maioria são populações vindas das áreas  
 rurais, tangidas pelas sêcas, pelas dificuldades de todos os ti-  
 pos, que lá encontraram, ou atraídas simplesmente pelo pressu-  
 posto de uma vida melhor, mais fácil ou mais suportável nas ci-  
 dades... →

Já nas casas de taipa vive a classe propriamen-  
 te proletária e também certa porção inferior da classe média,

As sêcas e a semi-aridez do Agreste e do Sertão não parecem justificar suficientemente a migração da zona pro-  
 letária para o Recife, pois que elas deviam fugir. Os procuram regiões, mais servidas de água, como as  
 margens do São Francisco e certas outras áreas férteis que favorecem o Sobrinho indígena, áreas mais mais  
 próprias para a cultura e que estão habitadas. O que me parece mais lógico é que as áreas de caça e de algodão;  
 trabalhos agrícolas e de baixa remuneração, impedindo a economia popular, obrigando a baixa pobreza, e, desta forma,  
 a população procurar na cidade os mesmos mínimos da vida, a coberto da miséria das entre-sobras de das safras não  
 abundantes, estes coincidem com as sêcas.

uma espécie de sub-proletaria-  
do, sem  
profissão  
definida  
e sem em-  
prêgo per-  
manente.

constituída por empregados comerciais e funcionários públicos de baixo salário. São gente que vive de <sup>apenas</sup> um ou <sup>seus</sup> dois salários mínimos, conseguidos pelo chefe da família e <sup>um</sup> filho ou filha. Para se ter em vista qual é o seu padrão de vida, basta lembrar que, em Recife, o salário mínimo, bruto, é atualmente de 1.600 cruzeiros que, via de regra, se reduzem a 1.300, em virtude dos descontos para os institutos de previdência, para os sindicatos, por faltas e atrasos, etc.

Nos sobrados e casas de correr reside a porção intermédia da classe média e, finalmente, nos "bungalow" e palacetes dos chamados bairros residenciais, os pequenos burgueses da classe média superior e a burguesia propriamente dita.

O salário mínimo que indicamos há pouco é o vigente depois de 1954, quando a sua duplicação em todo o Brasil parece ter provocado a grande crise de super-inflação, em si resultante mais da exploração incontrolada do mercantilismo que, segundo certas análises, teria aproveitado aquêle fato, mais de ordem política que econômica, para decretar uma considerável alta do custo de vida, esta sim, <sup>verdadeiramente</sup> mais responsável pela super-inflação. Não nos cabe dizer se esta explicação é exata <sup>nos parece muito</sup> embora seja a que nos parece <sup>mais</sup> plausível. A super-inflação e altíssimo custo de vida, atuais, inutilizaram, contudo, o ato político da elevação dos salários mínimos, de modo que a situação dos proletários e pequenos empregados de Recife, se não se conservou a mesma, piorou de 1953 para cá. Naquele ano, o salário médio desses grupos trabalhadores, no Recife, era de .... 1.031 cruzeiros mensais, mas a moda, isto é, o salário mais frequente, variava entre 600 e 800 cruzeiros, sendo que os salários de mais de 2.000 cruzeiros, num grupo de cerca de 60.000 trabalhadores, não eram percebidos senão por pouco mais de .... 4.500 pessoas. Se, de 1948 para 1953, o salário médio não chegou a duplicar, passando de 580 para 1.011, o custo médio da alimentação passou de 100 para 220, o da habitação de 100 para 329 e o de vestuário de 100 para 157. Ora, em face da vertiginosa alta do custo de vida, entre meados de 1954 e meados de 1955, supomos que a disparidade entre salários e custo da vida é agora muito mais acentuada. Em face dos baixos salários que vigoram no Recife, é claro que a população proletária e a classe média inferior vivem segundo padrões apenas suportáveis de higiene e conforto.

Para se verificar isso, basta ter em vista alguns dados colhidos pela Comissão Nacional de Bem-Estar Social e publicados pelo I.B.G.E.

17  
tanto para isso nos faltam do suficiente bases, e sendo, por isso, apenas opiniões que

De 240 pessoas que serviram à amostra considerada no estudo das famílias proletárias, em 1952, 108 eram chefes de família ou cônjuges, 106 eram filhos e 26 tinham outras relações com a família, ou não tinham família. Dessas, apenas 78 eram economicamente ativas (32,5%), sendo que apenas 5 eram esposas e 11 eram filhos. Isto significa que, pela amostra colhida, cerca de 80% das famílias proletárias contam apenas com o salário do chefe, que, em média, nos dias atuais, não deve ser muito superior a 2.000 cruzeiros mensais.

De 54 habitações estudadas no sistema de amostras que se adotou, 9 eram próprias, 39 alugadas, 4 gratuitas e 2 em aquisição. Se a amostra for representativa do conjunto ou do universo das habitações proletárias em Recife, teremos que cerca de 17% delas são próprias, 72% alugadas, 7% gratuitas e 4% em aquisição. Há razões para se duvidar que a percentagem das gratuitas seja realmente a indicada, porque, numa cidade em desenvolvimento como é Recife, deve ser muito rara a cessão gratuita de residências ou, mesmo, de terrenos.

Quanto ao tipo de construção, 17 eram de alvenaria (+ 31%), 3 de madeira (+ 6%), 31 de taipa (+ 58%) e as restantes (+ 5%) eram do tipo de apartamentos, casas de cômodos ou porões habitáveis. Os casebres (inclusive os mocambos) estão incluídos nos três primeiros grupos, pois que não têm material definido de construção, utilizando restos de tijolos, taipa, madeira, etc. Verifica-se entretanto, como dissemos há pouco, que a casa do operário é predominantemente de taipa, isto é, que, segundo o tipo de habitação, ele não se localiza na camada mais inferior da população recifense, a qual reside nos mocambos, mas na posição inferior das demais camadas sociais que dispõem de remuneração regular, podendo, por isso, viver apenas em casas de taipa.

Vejam, agora, com que serviços conta a casa proletária. Da amostra considerada, apenas 17 possuíam água encanada (+ 31%), 35 luz elétrica (+ 65%), 2 gás (+ 4%), 7 esgoto (+ 13%), 27 fossa precária (50%). Em outros termos, 69% dessas residências não dispunham de água encanada, 35% de luz elétrica, 98% de gás, 93% de esgoto e 43% nem sequer de fossas precárias. Por outro lado, apenas 9 (+ 17%) tinham aparelhos de rádio-recepção, nenhuma tinha filtro para água e 7 tinham máquina de costura (+ 13%).

Confirmando o que dissemos há pouco, os recursos médios por família eram de R\$1.359,75 e as despesas médias,

também por família, de R\$ 1.452,02, em ambos os casos tendo em vista um período mensal. Sendo a soma total dos recursos das 54 famílias igual a R\$ 73.427,00, 71% dos mesmos eram provenientes do trabalho do chefe de família, 5% do trabalho da dona de casa, 13% do trabalho dos filhos, 4% do trabalho de parentes e agregados e 7% de outras fontes. Das rendas obtidas 52,45% eram gastos com alimentação, 16,13% com habitação, 5,48% com vestuário, 6,44% com previdência e assistência médico-farmacêutica, 2,61% com transporte, 2,37% com fumo e bebidas e 14,52% com outras despesas, aí incluídas as com a educação.

Evidentemente, a amostra considerada é muito pequena para a representação fidedigna do universo em vista, mas, associada à observação geral que fizemos "in loco", adquire, pelo menos para nós, algum valor, porque acreditamos que ela se confirma pelas entrevistas pessoais, que pudemos conseguir na capital pernambucana, de professores primários, funcionários públicos, condutores de veículos e trabalhadores em construção civil. Somaram essas pequenas entrevistas a um total de 62 e, embora por elas não pudéssemos obter dados precisos, em linhas gerais confirmaram a pesquisa feita pela Comissão Nacional de Bem-Estar Social.

Assim se positiva que o padrão de vida dos trabalhadores do Recife é ~~relativamente~~ baixo, principalmente se tivermos em vista que a pesquisa em aprêço cobriu o total de 66 localidades brasileiras, das quais 38 (+ 57%) tinham renda familiar, entre operários industriais, superior à do Recife. Cumpre observar, porém, que dessas 37, 15 se localizavam no Leste Meridional (Minas Gerais, Espírito Santo, Estado do Rio e Distrito Federal), 20 no Sul (São Paulo, Paraná, Sta. Catarina e R.G.Sul), 2 no Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás) e apenas 1 no Nordeste (Paraíba, vila de Rio Tinto, Município de Mamanguape. No Leste Setentrional e no Norte nenhuma localidade apresentou salário familiar, médio, entre operários industriais, superior ao do Recife. Logo, se o padrão de vida do Recife é inferior ao das áreas meridionais do país, não o é em relação às áreas nordestinas e setentrionais.

— X Este fator explica em grande parte as dificuldades com que Pernambuco e a área de sua capital, em processo de metropolitanização, lutam por dar atendimento às aspirações culturais e educacionais do seu povo, o qual, segundo se verifica por uma de suas classes de trabalho, não dispõe dos recursos suficientes para educar-se e progredir culturalmente. Se uma família proletária <sup>pode</sup> ~~poder~~ dispor, em 1952, apenas de R\$ 76,50 men -

sais para vestuário, é claro que os filhos menores dessa família terão dificuldade de conseguir sequer a roupa necessária para a frequência escolar. Podendo cada membro da família consumir alimentos que, em média, custariam R\$ 170,00 mensais, fica também patente que a criança proletária, subnutrida, como deve ser, não pode produzir na escola o que uma criança medianamente normal produz.

Se tivermos em vista que os operários industriais não representam a camada mais inferior da população recifense, se considerarmos a população que vive nos mocambos, teremos uma idéia aproximada da extensão do problema. Para compreendê-lo é que escrevemos o primeiro capítulo deste trabalho, procurando esboçar as condições históricas do desenvolvimento econômico-social de Pernambuco, porque, por essas condições, se verifica que a situação atual não resulta nem de fatalismo geográfico, nem de fatalismo racial ou social, podendo, por isso, ser modificada, mediante planejamento e execução adequados.

6. Alguns aspectos de relações entre as classes sociais e de mobilidade social.

Apesar dessas adversas condições econômicas e sociais, a população da área recifense apresenta características próprias de vitalidade, com uma cultura, no sentido antropológico, "sui generis", que não permite isolamento e hostilidade exagerada de classes sociais.

4.1

Se há alguma distância entre o habitante do mocambo e o da casa de taipa, sabemos, pelas entrevistas a que nos referimos há pouco, não serem poucos os casos em que o primeiro consegue, quando obtém trabalho regular, passar para a segunda categoria. Das 62 pessoas entrevistadas, 39 souberam indicar um ou mais exemplos dessa passagem de nível ou "status" sócio-econômico. Por outro lado, 3 professores e 5 funcionários públicos nos declararam que já tinham morado em casas de taipa, mas que, agora, estavam residindo em melhor ambiente, em bairros de casas de tijolos, sendo que, desses oito, quatro em casas alugadas, pertencentes a instituições autárquicas, e quatro em casas em aquisição por financiamento.

Tanto quanto pudemos observar, entre os habitantes de casas de tijolos não há distinções marcantes, podendo-se apenas supor, em virtude de certas aparências exteriores, uma certa distância da burguesia que vive em palacetes e vilas. Se isto for verdade, os dois extremos da escala é que se mostrariam em distância mais acentuada dos pontos médios de mesma, notando-se, porém, que a passagem do mocambo para a casa de taipa é mais possível que do "bungalow" médio para a vila ou o pa

lacete.

Isto, porém, não significa a ausência de contactos entre as diferentes classes. Podemos observar, algumas vezes, nos mercados da área recifense, nas ruas e praças, bem como em cerimônias religiosas e nos campos de futebol, que não há, em público, isolamento marcantes, sendo possível ao mais rico conversar e discutir com o mais pobre, às vezes mesmo com bastante intimidade ou falta de formalismo. Mas, nas ruas e praças não vimos senão os meninos das camadas inferiores da população, os "garotos da rua", bem como, em duas escolas, onde funcionavam dois turnos, o da tarde era reservado para tais "garotos da rua" <sup>(10)</sup>.

Não vemos em qualquer das duas ordens de fatos, ~~na realidade~~ classes em contactos democráticos, de "open minded intercourse", nem a segregação ou ~~em~~ luta de classes.

Parece que ambos os fenômenos resultam de condições peculiaríssimas de Pernambuco, do Nordeste e de outras áreas brasileiras em que, nos tempos coloniais e imperiais, se estabeleceu, se desenvolveu e entrou em decadência o sistema sócio-econômico do "latifúndio-escravidão-monocultura". Pelos estudos de Gilberto Freyre, nos parece bem claro que a substituição desse sistema, simbolizada pela <sup>passagem da</sup> patriarcal casa-grande ~~para a~~ <sup>para a</sup> urbanização progressiva, justifica as distâncias sociais indicadas, <sup>se um lado, e</sup> os contactos de membros de classes diferentes bem como sua separação em certos aspectos, <sup>de outro lado.</sup>

Na casa-grande, com senzala, como nas casas de engenho e nos sobrados, entre senhor e escravo havia uma certa intimidade, um certo informalismo de tratamento; era a concessão patriarcal do senhor à solicitude do escravo que obtinha pela docilidade um pouco de amizade e de camaradagem. Assim também o homem do mocambo e o habitante mais humilde da casa de taipa, ainda hoje, recebe do burguês rico, em certas ocasiões, um tratamento camarada, que agrada ao resíduo de hábitos patriarcalistas deste e satisfaz àquêle que não se vê tão só e tão distante na sua miséria. Acresce, ainda, que os atuais processos políticos <sup>(- o aliciamento de eleitores e a casa do voto -)</sup> do Brasil levam a esses contactos e favorecem tal camaradagem ocasional, como é fácil de se compreender.

Mas, se dentro das casas-grandes, das casas de engenho e dos sobrados antigos, o senhor e o escravo podiam ter certa intimidade, já entre os habitantes de tais casas e os que estavam de fora não acontecia o mesmo. Nas ruas ou ladeiras a cuja beira se iam plantando os sobrados, "só passavam a pé ne-

(10) Mais adiante descreveremos 5 escolas da área recifense em seus problemas e possibilidades quando estudarmos as escolas em função das comunidades.

gros de ganho, muleques empinando papagaios, mulheres públicas. Menino de sobrado que brincasse na rua corria o risco de virar muleque; iáíá que saísse sozinho de casa, rua afora, ficava suspeita de mulher pública. O lugar do menino brincar era o sítio ou o quintal; a rua, do muleque. O lugar de iáíá, a camarinha; quando muito a janela, a varanda, o balanque" (4). Ainda hoje se nota <sup>pequenos</sup> resíduos desses fatos na área recifense, um dos quais é a quase ausência dos meninos da pequena e grande burguesia <sup>nas</sup> praças e ruas da cidade. Observamos também que as moças de família quase não andam sós pelas vias públicas; ou saem acompanhadas das mães, irmãs mais velhas, ou em grupo. Nem tão pouco se nota nas ruas do Recife o "footing" da tardinha, tão comum nas cidades do sul, quando, antes do anoitecer, as moças e seus namorados passeiam pela rua principal ou pelas aléias de um jardim público.

Diz Gilberto Freyre que, com a compressão do patriarcado rural por um conjunto poderoso de circunstâncias, que o esparrou, e com a urbanização, os antagonismos culturais entre brancos e negros e mestiços, outrora mantidos em equilíbrio à sombra dos engenhos, ganharam uma intensidade nova, mas que, por outro lado, se tornavam "maiores as oportunidades de ascensão social nas cidades para os escravos e filhos de escravos, que fossem indivíduos dotados de aptidões artística ou intelectual extraordinária, ou de qualidades especiais de atração sexual. E a miscegenação, tão grande nas cidades como nas fazendas, amaciou, a seu modo, os antagonismos entre os extremos".

Creemos que todos esses fatos explicam, por um lado, distâncias econômicas e culturais e, por outro, a não segregação completa, com a possibilidade de ascensão social que julgamos ter verificado no Recife. Tal ascensão se faz, já agora, por três vias: a da inteligência, a da economia e a do casamento, sendo que esta última, sobretudo para as mulheres. A primeira deu lugar à escola em seus diferentes graus, que é procurada como meio de subir, de mudar de vida. Por oitocentos questionários que aplicamos e que analisamos, pudemos concluir que cerca de 90% dos pais recifenses e 78% dos alunos das escolas primárias vêm no estudo um meio de subir socialmente, de "ser alguém na vida". Já a economia, o economizar e aplicar o economizado, está criando ~~na área recifense~~ outro tipo de instituição social, que são os pequenos estabelecimentos comerciais pertencentes a dois ou mais sócios, bem como estabelecimentos <sup>domésticos</sup> (agrícolas, sobretudo de horticultura e avicultura, e as

(4) in "Sobrados e Muçambos" de Gilberto Freyre, edição de 1936, da Companhia Editora Nacional.

indústrias em pequena escala de coisas típicas, com modelos locais, ou pequenas oficinas de consertos e de fabricação de aparelhos domésticos, de transformação alimentícia, etc. Há uma pequena burguesia industrial e ativa que se forma e da qual, conforme o êxito dos negócios tentados, alguns conseguem ascender à burguesia mais alta dos grandes comerciantes e grandes industriais. Notável é que, entre algumas pessoas dessa pequena burguesia, com as quais pudemos conversar, notássemos um certo desdém pela atividade intelectual e pelas doutores e políticos. Falam muito em favor do trabalho, mas entendem por isto a atividade comercial ou artesanal de suas pequenas indústrias. O resto não é trabalho... <sup>Tal</sup> esse grupo não é muito grande, sendo, porém, de interesse estudá-lo, porque constitui uma das formas pelas quais se processa no Recife <sup>uma forma de,</sup> mobilidade social ascendente.

Quanto à mobilidade pelo casamento, apesar daqueles resíduos que ainda notamos da vida na casa-grande e nos sobrados fechados, parece que a topografia e a urbanização recifense cooperaram para abrir esse caminho. Tomemos alguns trechos de Gilberto Freyre, em ordem e situação diferentes das que o autor lhes deu, para positivar esta afirmação.

"No Recife, sendo a cidade uma ilha, o sobrado quase sem quintal se impôs. O sobrado fechado dentro de si mesmo, às vezes com a frente para o rio. E magro e vertical. As tradições de arquitetura holandesa, que condicionaram o desenvolvimento do Recife, consagraram aquêle tipo de casa mais estreito e magro..."

"Convem, entretanto, atender às condições de topografia e de solo no Recife: não eram as mesmas que as da Bahia ou do Rio... Impunham outro rumo às relações ecológicas e de espaço do homem com a área urbana; de sobrado com a rua."

"... Um dos maiores benefícios que (Nassau) fez à cidade foi o de a ter dotado de pontes. As primeiras pontes que houve no Brasil. Com elas, parte da população passou-se da Ilha do Recife para a de Antônio Vaz, onde antes só havia um convento de grades e talvez algumas palhoças de pescadores."

"Com as burgueses mais ricos indo morar em casas quase de campo, para as bandas de Antônio Vaz, a ilha do Recife ficou o bairro do comércio e dos judeus, dos pequenos funcionários e dos empregados da Companhia das Índias Ocidentais; dos artífices, dos operários, dos soldados, dos marinheiros. Alguns destes vivendo em verdadeiros chiqueiros, entre tavernas sujas da beira do cais e no meio dos bordéis mais imundos do mundo..."

Nas áreas vizinhas, fora da Ilha do Recife, é que se ia construir, pois, a cidade residencial da burguesia o merciante ou dos senhores de engenho e patriarcas rurais, que desejassem desfrutar da proximidade da vida urbana. Começaram a surgir assim os sobrados ou vilas aporuguesados, cercados de jardim e quintal, pequenas chácaras residenciais, segundo me ex plicaram ali, mostrando uma ou outra remanescente dessas resi- dências antigas, entre as quais parece dever figurar a que a- tualmente ocupa a família de Gilberto Freyre.

..."Foi na chácara, através do palanque ou do caramanchão no canto do muro debruçado para a estrada; foi no sobrado, através da varanda, do postigo, da janela dando para a rua, que se realizou mais depressa a desorientalização da vi- da da mulher no Brasil.

"A varanda e o caramanchão, ou palanque, mar - cam a vitória da mulher sobre o ciume sexual do homem. Ciume que se exprimira em termos tão fortes na arquitetura quase de convento, da casa-grande. Com a varanda e o caramanchão veio o namôro... o bastante para romantizar o amor e torná-lo exôga - mo"...

Criadas essas condições que se desenvolveram ao passo que a cidade crescia e desapareciam os quintais e jardins, vizinhando mais as casas, surgindo os "chalets" e, depois, os "bungalows", a exogamia se constituiu em meio de mobilidade so cial, podendo o homem inteligente, de qualquer origem, que se tivesse bacharelado, ingressar nas "melhores famílias" pelo ca- samento, *em este caso, temos um exemplo de mobilidade pelo estudo e pelo casamento.* Por outro lado, também as moças bonitas dos "chalets" menores, das casas de correr, já agora não tão distantes das outras casas dos ricos e bem arranjados, puderam conquistar seus maridos entre os moços "bem apessoados" da alta burguesia. E ho- je, segundo me disseram, apontando 2 ou 3 exemplos, até das ca- sas de taipa têm saído moças para casar com rapazes ricos das "melhores" famílias...

Naturalmente estas características da mobilida- de social na área recifense, em que predominam a escola e o ca- samento como grandes vias de ascensão social, criam para o seu sistema educacional situação especial, uma vez que a terceira via, a dos negócios e do trabalho industrial ainda se acha em fase inicial de desenvolvimento.

De um lado, o que todos desejam, das classes me- dia e proletária, é preparar os filhos para o bacharelado, o dou- toramento; por outro, preparar as filhas para o casamento, a

conquista do bom marido. Como, nem um nem outro dêesses caminhos podem ser trilhados por todos, a maioria frustrada se sente como desamparada, perdendo a iniciativa dentro da sua própria classe e segundo as possibilidades do seu "status" sócio-econômico.

### 7. A Escola e a mobilidade social.

A criança que não se revela inteligente na escola de letras, predominante e mais procurada, abandona-a e não procura outra aprendizagem, aceitando na adolescência o emprego ou trabalho que lhe fôr possível. As que conseguem ir ao curso secundário, mas se vêm na contingência de abandoná-lo por dificuldades econômicas ou porque não têm aptidão para o intelectualismo enciclopédico que ali viceja, se contentam com o pequeno emprego de escritório ou outro de tipo semelhante. Finalmente, ao ingresso nos cursos superiores, outra barreira se levanta, a dos exames vestibulares, em que, por ser o número dos candidatos maior que as possibilidades de matrícula das escolas ou faculdades, se impõe uma seleção que, pelos critérios adotados, segundo podemos concluir de um estudo de Otávio de Freitas Junior (11), ainda inédito, é mais um sorteio que uma seleção por sistema de mérito. Os pobres que não são contemplados pela sorte e que não podem esperar mais um ano por novo sorteio, saem a procura de emprego nos escritórios comerciais, nos bancos financeiros, nas repartições públicas, sendo que poucos tentam qualquer iniciativa criadora ou produtiva, de pequena escala.

Vê-se, portanto, que na área recifense se o fenômeno das "open classes" é, até certo ponto, uma realidade por que não há limites deliberadamente impostos à mobilidade social no sentido vertical, por outro lado, as vias de mobilidade, que condições sociais e culturais criaram historicamente, obrigam à frustração e, em consequência, à própria falta de iniciativa e de operosidade dentro da classe social. Daí, certos tipos de escola, as profissionais de grau médio e grau elementar, dificilmente poderem obter clientela na área recifense. Daí, também, o fenômeno de grande procura da escola primária, ~~de letras~~, cuja matrícula nos primeiros anos é relativamente grande, aumentando de ano para ano, para decair assustadoramente nos anos seguintes. Assim é que, em 1955, dos alunos matriculados nas escolas primárias mantidas pelo Estado, na área recifense, 15,5% frequentavam a 1ª série, 22,5% a 2ª série, 16,0% a 3ª série, 12,0% a 4ª série e 4,0% a 5ª série. Sendo essas escolas predom

9  
(11) "Contribuição ao estudo da seleção de estudantes candidatos ao nível universitário - pesquisa psicometrica e decimo logica do exame vestibular de 1955 da Faculdade de Medicina do Recife."

minantemente de letras, isto é, intelectualistas, o seu sistema de promoções é um processo de peneiramento, em que só os mais vivos no estudo de letras conseguem passar no crivo fino das peneiras usadas, de modo que a percentagem dos aprovados sobre os matriculados não ultrapassa dos 61%. Na primeira série é que êsse peneiramento assume proporções trágicas, pois as aprovações não vão além de 38%...

Como um certo grupo dos reprovados continúa na primeira série, os novos que se matriculam no ano seguinte, nessa mesma série, fazem com que, por acumulação, as matrículas aí se tornem absurdamente elevadas, provocando o congestionamento das escolas e a sua insuficiência quantitativa.

(A) {

Teremos ainda oportunidade de voltar a êste assunto, quando estudarmos as instituições educacionais de Pernambuco, num dos capítulos subsequentes.

8. Algumas conclusões:

Evidentemente, nesta rápida apreciação panorâmica da área recifense, apenas pretendemos caracterizar aquilo que mais de perto se relaciona com os problemas educacionais. Não temos em vista um estudo suficiente da área, nem podíamos tê-lo.

O que nos parece evidente é que o Recife já não é mais uma simples "polis" capital de um Estado, mas também não pode ainda ser considerada uma "metrópole" na acepção sócio-econômica e cultural desta palavra. Acha-se em franco processo de metropolização.

Por outro lado, as condições históricas de sua formação, a que se aplicam tão bem os estudos de Gilberto Freyre sobre o processo de urbanização, constituído pela passagem da organização "casa grande-senzala" para a de "sobrados e mcampos" criam condições culturais e de mobilidade social, na área recifense, que, associadas ao processo de metropolização, fazem com que o sistema educacional, escolar, existente, em vez de resolver problemas, mais os agravem ainda.

A última parte desta afirmativa será demonstrada posteriormente. Entretanto, pelo que dissemos, fica patente desde já que o sistema escolar existente, do nível primário ao superior, parece favorecer um processo de frustração social, numa sociedade em que não há condições definidas para barreiras entre classes.

9. Bibliografia consultada.

1. Aderbal Jurema - "O Sobrado na Paisagem Recifense" Editora Nordeste - Recife, 1952.